

MEDIAÇÃO INTERVENTIVA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM CONTEXTOS VULNERÁVEIS

Natália Helena da S. Mendes ¹
Simone do Prado Polido ²
Gabriel Bueno Almeida ³

Resumo

Este estudo tem como objetivo viabilizar o processo de conscientização na mediação interventiva na Escola EDM de Ensino fundamental I e II através de dinâmicas de grupo. Tais práticas se sustentaram no arcabouço teórico da psicologia comunitária com a execução de atividades socioeducativas que corroborassem com a demanda do contexto da escola, almejando propiciar a interação entre alunos, pais, professores através da realização de encontros no local, promovendo a escola como um espaço que pertence e necessita da participação de toda a comunidade, aproximando, assim, todos os envolvidos no processo de educação das crianças e jovens. Porém, os instrumentos metodológicos aplicados nem sempre alcançam os objetivos desejados e são necessários novos planejamentos visando sempre a autonomia do grupo com o qual se trabalha.

Palavras-chave: Autonomia. Dinâmica de grupos. Psicologia comunitária.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar e discutir intervenções realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Social-Comunitária da Faculdade CESUSC (GPSC) em parceria com uma escola municipal de Florianópolis. O GPSC se constituiu em meados de 2016 com o intuito de aproximar a referida faculdade das questões psicossociais no território onde a instituição de ensino superior está situada. O olhar que o grupo de pesquisa procurou lançar sobre o contexto de intervenção neste texto apresentado, está atravessado pelas questões históricas, sociais, políticas e urbanas presentes na comunidade na qual o grupo GPSC se inseriu.

¹ Graduanda em Psicologia. Faculdade Cesusc. Endereço eletrônico para contato: nataliahsm21@gmail.com

² Graduanda em Psicologia. Faculdade Cesusc. Endereço eletrônico para contato: si_prado06@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia. Faculdade Cesusc. Endereço eletrônico para contato: gbapsi@gmail.com

Os objetivos do presente estudo foram o de propiciar às crianças dessa comunidade, oficinas socioeducativas que sirvam como uma proposta alternativa para um melhor aproveitamento do contraturno das crianças dos períodos matutino e vespertino e promover a escola como um espaço que pertence e necessita da participação de toda a comunidade. Deste modo, é preciso dar novo significado ao papel da escola diante da comunidade, como instituição socioeducativa, de forma a potencializar o sentimento de solidariedade comunitária e de construção social e coletiva; assim, executando atividades socioeducativas com os estudantes da mesma e também possibilitando aos acadêmicos de Psicologia envolvidos, experimentar as complexas demandas da sociedade contemporânea.

Dessa forma pode-se aproximar todos os envolvidos no processo de educação das crianças e jovens, podendo-se trabalhar junto a questões que hoje são de interesse e preocupação de toda comunidade; apresentar e valorizar a cultura tradicional local, entre os estudantes, através de oficinas estéticas e atividades vivenciais, visando o trabalho artístico e atuando por meio de uma mediação lúdica, de forma a proteger a integridade dos estudantes, assim servindo de dispositivo para se estabelecer uma relação de proximidade, confiança e acolhimento dos jovens participantes, possibilitando a presença da psicologia como mediadora das atividades socioeducativas promovidas pela Escola. O processo interventivo baseou-se nos princípios e paradigmas estudados em Psicologia Social-Comunitária, pretendendo propiciar um espaço de vínculo por parte da psicologia, desta forma almejando promover o respeito e a colaboração entre os envolvidos no cotidiano escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Martín-Baró (1997) define que a função do psicólogo social, na comunidade, se caracteriza como uma mediação do processo de conscientização, ou seja, o amadurecimento de um julgo crítico por parte dos sujeitos, que possui força transformadora da realidade. A sociedade prioriza atualmente a autonomia individual, ao mesmo tempo que submete o indivíduo a um sistema político-social-econômico que o priva de tal autonomia, sendo que a violência no âmbito social é um reflexo dessa contradição. Como alternativa deve-se potencializar “o conscientizar”, ou seja, constituir uma comunidade na qual haja um indivíduo autônomo, que colabora para o coletivo (SAWAIA, 1999).

Essa intervenção deve ser fundamentada nas condições apresentadas pela sociedade na qual o psicólogo intervirá; sendo assim, não pode ser definida a priori, pois ela é própria e é produto das características do grupo com que se trabalha, estando sempre sujeitas a modificações, já que se entende que no momento em que a Psicologia se insere no contexto, ocorrerão inevitáveis

transformações que possibilitam o aparecimento de novas demandas as quais, em muitos casos, os métodos anteriormente empregados não alcançam. Com a formação de uma consciência crítica é viabilizado o aparecimento de novos sistemas que se opõem aos sistemas opressores, disponibilizando alternativas no combate das mazelas sociais ou mesmo na possibilidade de melhor convívio entre grupos, sendo que ela se faz necessária, pois, há frequente negligência de direitos configurando assim, uma estrutura desigual, na qual os próprios indivíduos ajudam a sustentar, pois se encontram alheios e/ou desarticulados às suas realidades; sendo que podem, a partir de ações cotidianas pessoais, ascender à esfera social, modificando sua realidade e sua comunidade (ALVES, SILVA, 2006; ANSARA, DANTAS, 2010; FREITAS, 1998; GOBBI et al., 2004; LEVIGARD, BARBOSA, 2010; MARTÍN- BARÓ, 1997).

Freitas (1998) e Gobbi et al.(2004), entendem que a ação do psicólogo é planejada na comunidade, com a sua respectiva participação, sendo que é essencial que haja tanto conversas quanto a busca pela identidade histórica da comunidade com a qual se interage, para coletar informações, detectar problemáticas e identificar caminhos a serem seguidos, que qualificam a criação de um elo de colaboração psicologia-comunidade; porém é necessário compreender que para a ocorrência de mudanças são necessárias rupturas, o que torna inevitável o estranhamento, embora seja preciso ressaltar que tal torna-se indispensável para que os antigos modelos que causam sofrimento sejam transfigurados por novas formas mais satisfatórias à maioria.

Caldeira (1995) considera que o “ser social” é construído, em grande parte, durante a vida escolar e que em muitos casos, a formação dos docentes contrasta com a prática que é fruto da construção histórica, a qual engloba vários aspectos sociais, dessa forma, ultrapassando o alcance dos instrumentos desse grupo, o que acarreta em uma necessidade de criação de redes com outras áreas. É dessa forma que a Psicologia social-comunitária se insere, trazendo como postura profissional um comprometimento com a realidade. Baseia-se em preceitos éticos que perpassam os preceitos da psicologia escolar como forma de melhor compreender a dinâmica estabelecida na escola, auxiliando na tomada de autonomia por parte do grupo, ou seja, que possam ser tanto a construção, quanto os construtores de seu contexto, o que os torna capazes de solucionar suas próprias demandas (ALVES, SILVA,2006).

3 MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental I e II EDM, localizada na cidade de Florianópolis. A localidade passa por uma série de modificações urbanas e demográficas, se

constituindo de forma desordenada nos últimos anos, o que afeta diretamente seus moradores por gerar um alto nível de vulnerabilidade social, englobando casos de crianças que se envolvem em práticas ilícitas que colocam sua integridade e futuro em risco. Outro fator que justifica a intervenção é o fato da relação entre escola e famílias estar enfraquecida, dificultando, assim, o diálogo sobre questões que cabem às partes.

Assim, o projeto foi voltado à toda comunidade escolar, envolvendo alunos (e suas famílias), professores, equipe administrativa e demais funcionários; além da equipe de psicologia GPSC, entendendo-se que os últimos são parte atingida pelos resultados da intervenção tanto quanto os demais envolvidos e no que diz respeito ao acréscimo de conhecimento à vida acadêmica e ao futuro profissional. Foram, como forma de suprir as metas traçadas, elaborados dois subprojetos que seriam:

O “Projeto Boi-de-Mamão”, o qual pretendeu realizar oficinas artísticas e lúdicas que buscaram valorizar a cultura açoriana e as brincadeiras tradicionais, porém sem negligenciar a necessidade do constante diálogo com os hábitos contemporâneos das crianças participantes. Paralelamente às atividades da dança/brincadeira do Boi-de-Mamão, pretendeu-se ambientar tais crianças à cultura local atrelada a dispositivos contemporâneos, inserindo as brincadeiras nos hábitos dos estudantes ao trazer oficinas como o relato de histórias e a confecção de jogos e brincadeiras: oficinas de confecção artesanal dos jogos e brincadeiras.

E o projeto denominado "Nossa Escola", o qual buscou promover um envolvimento mais efetivo e afetivo da comunidade local com a Escola. Desenvolheu-se por meio de oficinas que envolveram a participação dos estudantes e da comunidade na revitalização e cuidado do espaço escolar. Pretendeu-se, com isso, favorecer um bom vínculo entre escola e comunidade, fortalecendo e aumentando o sentimento de pertencimento e construção coletiva. Foram planejadas oficinas estéticas e lúdicas que envolviam atividades vinculadas à arte e a brincadeiras de cunho vivencial e relacional. As oficinas foram planejadas para atividades que envolvessem as crianças, pais e professores, focando as relações interpessoais e a relação de pertencimento dessas com o espaço escolar. Também foi realizado a criação e manutenção de uma horta gerida pelos alunos, enquanto a oficina denominada "Nosso Jardim" previa a criação de um espaço destinado ao cultivo de plantas. Além do cuidado com as plantas, também houve oficinas de criação de vasos originais para as plantas. Dessa forma propiciando, juntamente com os professores, que o espaço de sala de aula viesse a ser acolhedor e aconchegante à medida que, também, convidasse o estudante a vivenciar tal espaço com mais familiaridade e sentimento de pertencimento, além de ajudar na organização de eventos voltados à comunidade, estimulando estes a participarem das atividades e do cotidiano escolar.

4 DISCUSSÃO

Com o intuito de aproximação com a Escola e como forma de observar o referido contexto, os acadêmicos do Curso de Graduação em Psicologia (integrantes do GPSC), sob supervisão de um professor, realizaram dinâmicas grupais voltadas ao corpo discente, docente e familiares da escola. Essas experiências práticas (ocorridas em dois encontros e durante duas manhãs de sábado), foram produto de intenso empenho e diálogo que se iniciaram desde a criação do vínculo com a instituição de educação, tendo, posteriormente, enfrentado um conturbado semestre, enfrentando obstáculos tais como uma greve, cumulativos feriados e as eventuais indisponibilidades da escola; tais atividades foram atreladas a encontros entre os membros do grupo de pesquisa com o propósito de elaboração e reflexão a respeito do que fora vivenciado na instituição de ensino.

Acerca de tais experiências relata-se o seguinte:

1º Encontro

Foi aplicada uma dinâmica aos alunos que compuseram um grupo de aproximadamente 40 pessoas. O principal intuito era conhecer a escola e toda a comunidade escolar juntamente às relações que essas possuem. Isso realizou-se em três etapas distintas.

A primeira consistiu na apresentação do mapa da escola que, com um passeio e auxílio de *emoticons*⁴, possibilitou aos alunos identificarem áreas que consideravam agradáveis ou não. Neste passeio foi possível conhecer o ambiente escolar a partir do discurso das próprias crianças, observando o vínculo afetivo e as histórias que elas tinham estabelecido com os diferentes espaços da escola. Ao colarem seus *emoticons*, elas narravam para os participantes do GPSC as suas experiências e percepções da escola. Os *emoticons* eram criados por eles, os aspectos emocionais das figuras eram desenhados e coloridos ao longo do caminhar pela instituição.

Por meio da mediação do *emoticon*, foi possível identificar que os afetos em relação à escola, às diferentes aulas e professores eram díspares, com discursos singulares e não homogêneos, destacando a importância de se estar advertido ao risco das generalizações num espaço tão heterogêneo quanto o espaço escolar.

A segunda etapa foi a confecção de flores de dobradura e desenhos que, em seguida, foram colocados nas extensões da escola como forma de presentear o seu local de ensino, sendo que, por fim, ainda foram plantadas quatro mudas de flores em vasos espalhados de acordo com a vontade dos alunos, afim de adornar a escola.

⁴ Os *emoticons* são formas linguísticas que expressam uma ideia ou sentimento por meio de um ícone visual. Os *emoticons* utilizados em nossa intervenção eram expressões faciais que remetiam a distintos sentimentos. Optou-se pelo uso dos *emoticons* por ser uma linguagem contemporânea que se popularizou com o uso dos *smartphones*.

A atividade realizada visou a criação de um vínculo que possibilitasse o processo de intervenção, além de analisar como os alunos enxergam sua escola e se reconhecem como importantes para a mesma. Também, verificar se há a conscientização dos alunos sobre seus direitos e responsabilidades, sendo eles parte integrante do seu local de ensino. Com o desenvolver das “brincadeiras” notaram-se aspectos que apontavam para a discriminação racial e etária, o que desencadeou reflexões a respeito de algumas das possibilidades futuras a serem trabalhadas com o referido grupo.

Os alunos apresentaram proximidade com a tecnologia (sala de informática), além de disponibilidade para dinâmicas envolvendo caça ao tesouro, danças e músicas (de maneira a encaixar-se com o propósito da intervenção). A partir do que foi observável em primeira instância, torna-se necessário levar em consideração as diferentes fases de desenvolvimento e níveis de cognição, em que se encontram essas crianças e jovens, para estabelecer uma intervenção mais eficaz.

Foram observados momentos em que aqueles que já estavam entrando na adolescência não se sentiram impelidos a desenvolver as mesmas práticas que os alunos de séries iniciais, já que estes últimos tiveram dificuldade para determinar e/ou expressar significados que determinados locais da escola representavam para eles (dinâmica aplicada), talvez pelo fato de estarem em uma fase de desenvolvimento na qual ainda não possuem, com suficiente clareza, a noção do que lhes é agradável ou não, o que implica numa maior complexidade em virtude da faixa etária. Tal encontro já testou a viabilidade do projeto “Nossa escola” e a ideia da criação de uma horta não foi recebida com entusiasmo.

2º Encontro

A partir do levantado no 1º Encontro fora decidido trabalhar a integração do grupo em questão, inicialmente procurando incluir pais e professores, o que não resultou no esperado, uma vez que o número de pais presentes foi escasso neste dia. Compareceram apenas dois responsáveis, porém o número de crianças manteve-se semelhante ao primeiro encontro, tendo comparecido 35 alunos. Primeiramente e, atendendo ao pedido das crianças, foi realizado uma caça ao tesouro, o que contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre o grupo de psicologia social-comunitária e a instituição, fazendo com que todos pudessem interagir. A caça ao tesouro ocorreu por todo o espaço escolar e pode ressignificar alguns espaços que cotidianamente são designados como negativos, característica que foram observadas no primeiro encontro.

O grande grupo fora novamente separado em pequenas equipes com o objetivo de intensificar o processo de criação de vínculo e, mais uma vez, presenciou-se episódios de violência física e psicológica entre os alunos. Mais tarde ocorreram oficinas que trouxeram oportunidade para as

crianças conhecerem brincadeiras tradicionais como “amarelinha,” “pau de fita”, “corrida de tampinha”, “pula elástico” e “boliche com latinhas”, que tiveram o objetivo de trazer brincadeiras mais antigas para promover o vínculo entre os pais, professores e as crianças. Os adultos seriam os responsáveis por ensinar às crianças as brincadeiras que eles vivenciaram nas suas infâncias. No entanto, os adultos presentes foram um tanto resistentes em ocupar tal posição de mediador. A função de ensinar às crianças as antigas brincadeiras ficaram ao cargo dos participantes do GPSC, o que por parte das crianças não fora encarado conforme a expectativa que havia, já que algumas brincadeiras não prenderam a atenção destas, enquanto outras foram bem sucedidas ao terem sido reinventadas. Também foram desenvolvidas esculturas com argila, o que promoveu uma troca de histórias entre os envolvidos e suas vivências.

E nesse sentido contribuem Brito e Zanella (2012) e Schneider et al.(2016) que exemplificam em seus estudos a Arte como sendo uma das vias possíveis para reinventar a relação indivíduo-meio. Neste caso, ela comporta a problemática dessas associações, trazendo consigo propósitos e inquietudes, ao passo que possibilita, através da produção de arte, reformulações de significados, fato que renova o vínculo com o meio, o qual, a partir de tal perspectiva, torna-se mais acolhedor. Assim oportunizando, através de oficinas, a inserção de jovens e crianças provenientes de contextos marginalizados, no meio artístico, como forma de posicionamento político-social em sua comunidade, conseqüentemente trazendo um novo futuro aos mesmos que estavam subjugados a um fatalismo histórico (ANSARA, DANTAS, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas experiências relatadas, foram definitivamente reorganizadas as diretrizes da intervenção. Foi observado que o olhar sobre os acontecimentos trazidos pela equipe docente e administrativa se distinguiu do olhar da equipe do presente grupo no que se refere a prioridades a serem trabalhadas. Este fato pode se justificar pelos primeiros estarem totalmente imersos no processo. O cenário caracteriza frequentes diferenças entre o discurso dos envolvidos e suas demandas mais imediatas, assim como a necessidade de reorganização na prática social-comunitária. Projetos como o “Boi-de-mamão” não se tornaram viáveis neste contexto, já que não atraiu a atenção dos indivíduos, dificultando, assim, a intervenção, enquanto que o projeto “Nossa escola” tornou-se sujeito a modificações no que se refere a prioridades.

Com as considerações e reflexões do grupo de pesquisa, além do posicionamento da escola, foram projetadas atividades futuras afim de dar seguimento ao processo outrora iniciado, cumprindo

seu papel como atividade que promova a interação entre os sujeitos e que possa criar oportunidades de trabalhar temas que foram identificados, a partir de análise, como essenciais para se alcançar os objetivos principais desse processo. A partir das expectativas de ambas as partes, o processo que vem sendo desenvolvido tende a ser ampliado, trazendo resultados positivos e aspirando, dessa maneira, o “empoderamento” do grupo com o qual se intervém, facilitando a criação de uma identidade social por parte do indivíduo e conscientizando-o sobre sua autonomia diante das mazelas sociais que afetam a comunidade como um todo.

A partir das observações e análises realizadas no primeiro semestre de intervenções, o grupo veio a reformular suas estratégias. Dessa forma foi estipulado com a direção da escola que os encontros no segundo semestre ocorreriam semanalmente com apenas uma turma de 4º ano. As atividades foram planejadas a partir da metodologia do "Teatro do oprimido", de Augusto Boal. As dificuldades e entraves encontrados nos encontros narrados nesse artigo foram fundamentais para a formulação de um projeto mais alinhado às necessidades da escola e ao interesse dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cecília Pescatore; SILVA, Antonio Carlos Barbosa da. Psicologia escolar e psicologia social: articulações que encontram o sujeito histórico no contexto escolar. **Psicol. Educ.**, São Paulo, n. 23, p.189-200, 2006.

ANSARA, Soraia; DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.95-103, abr. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822010000100012>

BRITO, Renan de Vita Alves; ZANELLA, Andréia Vieira. Jovens e cidade: a experiência do projeto ArteUrbe. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p.43-62, 2012.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana. **Cadernos de Psicologia**, São Paulo, n. 95, p.5-12, nov. 1995

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.175-189, 1998. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79721998000100011>

GOBBI, Maria Dolores et al. Intervenções psicossociais na comunidade de Canoas: uma proposta do curso de psicologia da ULBRA-Canoas. **Aletheia**, Canoas, n. 19, p.89-98, jun. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n19/n19a09.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

LEVIGARD, Y. E.; BARBOSA, R. M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 5, p. 84-89, 2010.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.7-27, jun. 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x1997000100002>

SAWAIA, Bader B.. Comunidade como Ética e Estética da Existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. **Psykhe**, Santiago, v. 8, n. 1, p.19-25, 1999.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro et al. A clínica na comunidade: Uma experiência de intervenção intersetorial para adolescentes em situação de vulnerabilidade psicossocial. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p.68-80, 2016.

BRITO, Renan de Vita Alves; ZANELLA, Andréia Vieira. Jovens e cidade: a experiência do projeto ArteUrbe. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p.43-62, 2012.